

# Mulheres negras no funk carioca: uma expressão cultural de resistência

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

# SIMPÓSIO MÚSICA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS E PRÁTICAS NA PRODUÇÃO SONORA DE MULHERES

Tamiê Pages Camargo Universidade Federal de Pelotas – tamiecamargo@gmail.com

**Resumo**: As mulheres negras têm ganhado cada vez mais espaço no cenário do funk carioca e tornado esse estilo musical uma importante expressão de sua realidade e pensamentos. Ao discorrer sobre a sexualização e o controle do corpo da mulher negra (FREYRE, 2003; FEDERICI, 2017; PIEDADE, 2017), fazemos uma breve história do funk e discutimos a invizibilização da cultura negra no Brasil (FERNANDES, 1964; GONZALEZ, 1988; CYMROT, 2011). Assim, pretendemos com esse trabalho refletir sobre o papel de MCs mulheres e negras como forma de resistência às opressões de gênero, classe e raça.

Palavras-chave: Funk. Mulher negra. Racismo. Resistência.

#### Black Women in Carioca Funk: a Cultural Expression of Resistance

**Abstract**: Black women have increasingly gained space in the Rio funk scene, making this musical style a great way to express their reality and thoughts. In discussing the sexualization and control of the black woman's body (FREYRE, 2003, FEDERICI, 2017, PIEDADE, 2017), a brief history of funk and the invisibility of black culture in Brazil (FERNANDES, 1964, GONZALEZ, 1988; CYMROT, 2011), I intend to show, with this article, the role of black women MCs as a form of resistance to oppressions of gender, class and race.

Keywords: Brazilian funk. Black women. Racism. Resistance.

## 1. O funk nos dias atuais

"Funk com apologia ao estupro lidera ranking de músicas virais" (Estadão, 17/01/2018), "Funk mais viralizado do momento é acusado de fazer apologia ao estupro" (UOL, 17/01/2018). Essas são notícias que podemos ver em sites no início do ano passado. Muitos dos funks que aparecem na mídia e que são retratados por diversos meios de comunicação, reproduzem a cultura machista do estupro, tratando a mulher como objeto sexual e podem contribuir para a naturalização de tal fato. Quando se trata de funk, as notícias que circulam nos meios de comunicação dificilmente são positivas. Antes, sobre a violência que aconteciam nos bailes, hoje em dia, sobre o machismo e a cultura do estupro.

Poucas notícias mostram o que mulheres no funk têm feito para combater essa cultura machista. Muito menos o que mulheres negras têm representado para o funk carioca atualmente.

O funk tem sido uma grande forma de expressão cultural de mulheres, principalmente mulheres negras e pobres. O surgimento de MCs como Tati Quebra Barraco e



MC Carol que revolucionaram a posição da mulher nesse gênero musical. De que forma essas mulheres estão revolucionando o funk? Sobre o que se tratam suas letras? Por que elas são figuras importantes para o gênero musical na atualidade? Esses são aspectos que serão questionados ao longo deste trabalho.

## 2. O corpo da mulher negra

Desde os tempos da escravidão o corpo da mulher negra é sexualizado. A relação de poder entre os brancos colonizadores e as mulheres negras era bastante nítida e representada pela forma violenta que os dominadores tratavam essas mulheres. Relatado pelo autor o que Gilberto Freyre (2003) os senhores da casa grande mantinham relações sexuais com as mulheres negras. É importante reiterar que essas relações sexuais não eram consentidas por essas mulheres, logo eram estupros.

Por conta da invasão dos europeus na América, no fim do séc. XVI e início do séc. XVII houve uma grande queda da população, tanto na Europa, quanto na América. Essa crise populacional fez com que o estado iniciasse um controle sanitário, sexual e penal dos corpos dos indivíduos, e, em especial, sob o corpo da mulher, para tentar que elas pudessem procriar mais trabalhadores (FEDERICI, 2017). As mulheres negras que trabalhavam em plantations, eram estupradas com a intenção de aumentar o número de trabalhadores para seus senhores. Além disso, escravas negras tinham a infeliz realidade de terem muitos de seus filhos leiloados. (FEDERICI, 2017, p. 178). Nessa época também era condenada qualquer atividade sexual ou ligada à sexualidade que não fosse produtiva para o capitalismo, isto é, que não reproduzissem novos trabalhadores para esse sistema. Assim, "a homossexualidade, o sexo entre jovens e velhos, de pessoas de classes diferentes, coito anal, nudez e a dança" (FEDERICI, 2017, p.350) eram severamente condenados.

As mulheres negras eram reduzidas aos seus corpos e esses vistos como meras carnes, objetos reprodutores. Segundo Gilberto Freyre (2003), uma coisa da qual os senhores não abriam mão era o ato sexual e que eles não eram capazes de segurar seus impulsos e, geralmente, usavam desses discursos para estuprar escravas negras. Assim, as mulheres negras eram vistas como perigosas, pois ameaçavam as famílias dos senhores e senhoras. Também, foi nessa época, que se criou a crença de que mulheres negras mais velhas tinham uma aparência mais jovem, diferente das senhoras brancas da mesma idade. Todos esses discursos eram usados pelos senhores como forma de abusarem do corpo das mulheres negras.



O corpo das mulheres negras também era violado quando essas mulheres eram obrigadas a se prostituir. De acordo com Freyre (2003), meninas negras que tinham aproximadamente doze ou quatorze anos já se prostituíam e tinham relações com homens brancos mais velhos. Neste caso, o autor relata que as mulheres brancas eram favoráveis à prática de prostituição de meninas negras, pois, por causa da prostituição dessas meninas, as mulheres brancas podiam manter a imagem de pureza, que era atribuída a elas. Relações sexuais com mulheres brancas que não tinham por fim a reprodução, eram mal vistas. (FREYRE, 2003). As mulheres brancas eram criadas somente para a reprodução, já as mulheres negras eram criadas para serem estupradas.

Sabemos que o Machismo Racista Classicista inventou que nós – Mulheres Pretassomos mais gostosas, quentes, sensuais e lascivas. Aí, do abuso sexual e estupros, naturalizados da senzala até hoje, foi um pulo. Pulo de 129 anos, e passamos a ser estatística. Os dados oficiais sobre violência sexual falam disso. Estamos na frente, morremos mais nas garras desse Machismo do que as Mulheres Brancas... é simples e banalizado no cotidiano – Mulher Preta é Pobre. Mulher Pobre é Preta. Pelo menos na sua grande maioria. Foi-se Abolição Inconclusa, e a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado... (PIEDADE, 2017, p.14)

Nos dias de hoje as mulheres negras continuam carregando esse peso. Vilma Piedade (2017) declara que as mulheres negras carregam a dor que é provocada em todas as mulheres por causa do machismo e destaca que quando se trata de mulheres pretas, a dor é agravada pelo racismo. A criação branca faz com que seu poder se mantenha e o racismo permaneça. A autora afirma que "o Machismo é Racista" (PIEDADE, 2017, p. 46).

O racismo que as mulheres negras sofrem é visível e perceptível quando analisamos o cenário do funk carioca no início do séc. XXI. Para compreendermos esse contexto, é importante entender a origem do funk carioca.

#### 3. A eclosão do funk carioca

Na década de 60 com a mistura de R&B (rock and blues), jazz e soul foi criado o funk, um estilo musical originário de negros da América do Norte (SANTIAGO, 2013). Já nos anos 70, o funk era frequentemente tocado em festas realizadas e frequentadas por jovens das camadas mais pobres da cidade do Rio de Janeiro. Esses bailes se tornavam cada vez maiores e, por conta disso, a concorrência entre eles era cada vez maior. Devido a essa grande concorrência havia, na época, uma intensa procura de novos estilos musicais que pudessem ser exclusivos para os bailes. Essas buscas trouxeram consigo uma vertente do hip hop que estava em crescimento nos Estados Unidos, chamada *Miami Bass*, o qual tem, como uma de



suas principais características, uma forte marcação de um baixo contínuo (BESCHIZZA, 2015). Com a influência dos funks norte-americanos tocados nos bailes da cidade e, também, com a tentativa de produzir um som parecido com o *Miami Bass*, foi criado o funk carioca (IDEM, IBIDEM, p.5).

O funk carioca era frequentemente tocado em bailes que foram, então, chamados de "baile funk". Esses bailes eram, em sua maioria, frequentados por jovens negros da camada mais pobre da capital carioca. As músicas nesses bailes eram comandadas por DJs e MCs. Os DJs eram as pessoas responsáveis por selecionar os discos e músicas que eram tocadas nos bailes. Já o MCs, abreviação do termo "mestre de cerimônia", eram os indivíduos que cantavam por meio de rimas, raps e/ou improvisações nos bailes.

Na década de 90 esses bailes se tornavam cada vez mais frequentados, os MCs ganhavam mais destaque e, por conta da acessibilidade e a possibilidade de ter sucesso através do funk, os bailes e a música passaram a fazer, cada vez mais, parte do imaginário dos jovens que a frequentavam (BESCHIZZA, 2015). O funk se firma, então, como uma expressão cultural dos jovens da periferia.

O "funk proibidão" foi uma das primeiras vertentes do funk carioca. Com essa vertente do funk, os jovens negros da favela expressam o cotidiano das comunidades pobres do Rio de Janeiro, e, principalmente, aqueles que faziam parte ou eram envolvidos na dinâmica do tráfico de drogas e tudo que isso poderia implicar, como o crime, a violência, e os enfrentamentos de galeras rivais que brigavam pelo tráfico e com a polícia. (SANTIAGO, 2013; BESCHIZZA, 2015)

Apesar de muitos desses jovens encontrarem nos bailes uma forma de expressão, eles nem sempre eram pacíficos. Alguns bailes se tornaram locais de conflitos de diferentes grupos e facções, que acabavam em violência. Esses bailes e notícias de violência tiveram grande destaque nos meios de difusão de informação. O fato dos bailes serem realizados e frequentados majoritariamente por mulheres e homens negros da favela, da camada mais pobre da cidade e com a imagem violenta que a mídia reproduzia sobre os bailes, fez com o que funk fosse repudiado (ALVIM & PAIM, 2010, p.42-43).

### 4. O funk e a falsa "democracia racial"

Mesmo sendo um estilo musical em ascensão e que movimentava cada vez mais pessoas aos bailes, que em sua maioria eram pacíficos, o que a mídia reproduziu foi um exemplo do preconceito que há em relação aos negros e pobres da favela. O funk e os bailes



eram considerados como um problema, da mesma forma que a população negra e pobre era apontada como um problema pela sociedade.

A primeira tentativa de criminalização do funk foi no início dos anos 90. No ano de 1995 foi instaurado uma CPI Municipal, pela cidade do Rio de Janeiro, para investigar uma suposta ligação do funk com o tráfico, mas não foi encontrado nenhuma evidência dessa ligação (UOL, 02/08/2017). Não contentes, no ano de 1999, o estado do Rio de Janeiro instaurou uma CPI chamada "CPI do Funk". Essa CPI apurava a ligação dos bailes com a violência, drogas e também um suposto desvio de comportamento do público adolescente. Apesar de, novamente, não encontrarem provas, foi criada a lei estadual 3.410/2000, a qual apresenta regulações e obrigações com as quais organizadores de bailes precisam se enquadrar (UOL, 02/08/2017). Isso acontece até os dias de hoje. No ano de 2017, a Sugestão Legislativa nº 17 tinha como objetivo tornar o funk um crime de saúde pública. Essa Sugestão Legislativa, que alcançou quase vinte e duas mil assinaturas, classificava o funk como uma "falsa cultura" e acusava que os bailes eram frequentados por criminosos, pedófilos e estupradores (UOL, 02/08/2017).

A repressão dos bailes acontece, segundo Danilo Cymrot (2011), pois por trás desse discurso, havia o medo da aglomeração negra. No caso dos bailes funk do Rio de Janeiro, a polícia desconfiava que, por trás das equipes de som que trabalhavam nas festas, houvessem grupos clandestinos e radicais da esquerda (CYMROT, 2011, p. 177). De acordo com a equipe de som que trabalhava nessas festas, o baile tinha como fim o lazer, apesar de haver pessoas do movimento negro que apoiavam os dançarinos, para que a música e os bailes fossem um meio de superação do racismo. A aglomeração de pessoas negras levava um cunho político para os bailes (CYMROT, 2011, p.177, 178).

As notícias de cunho negativo e a tentativa de criminalização do funk são exemplos de que o país vive em uma falsa democracia racial. Isso é reforçado pelo autor Florestan Fernandes (1964), o qual afirma que o Brasil criou o mito da democracia racial brasileira (FERNANDES, 1964, p.309). Esse mito é, segundo ele, uma forma de garantia das relações de dominação de brancos em relação aos negros.

O funk, como tantas outras expressões culturais de negros pobres, não era, e, muitas vezes não é até hoje, visto como cultura (BESCHIZZA, 2015, p. 20). Em relação a isso, a autora Lélia Gonzalez (1988) relata que a formação do inconsciente no Brasil é europeia e branca. Ela afirma que há um processo de invisibilizar a contribuição dos negros para o país. Isso é perceptível quando o funk é retratado como uma "falsa cultura" ou quando observarmos que a cultura negra é retratada como "cultura popular", nomenclatura essa que a



autora afirma minimizar a importância da contribuição negra para o país. A "democracia racial" do Brasil é, segundo ela, inexistente, o que realmente há no país é uma forma de "racismo disfarçado". Assim, toda uma cultura racista de inferioridade dos negros fez com que expressões culturais originárias desses povos fossem ignoradas e menosprezadas, e com o funk não foi diferente.

## 5. A resistência das mulheres no funk

Após ao "funk proibidão", já no início séc. XXI, o funk passou a trazer, através da letra e a dança, a sensualidade para dentro do baile (ALVIM & PAIM, 2010). O "funk do prazer" tinha como suas principais temáticas questões tais como a sensualidade, o corpo e a sexualidade.

Os funks que tratavam sobre estes temas eram, em sua maioria, cantados por homens e, nestas músicas, a mulher era retratada como objeto sexual. Isso foi bastante notável com o sucesso da banda Bonde do Tigrão (ALVIM & PAIM, 2010). Esse grupo era formado por homens e foi um dos primeiros grupos de sucesso que interpretavam músicas ofensivas às mulheres. Cantavam letras como "vou cortar você na mão, vou mostrar que eu sou tigrão, vou te dar muita pressão" ou também como "um tapinha não dói".

Após o sucesso desse grupo, outras tantas músicas que tratavam a mulher como objeto sexual se referindo a ela de forma degradante, também fizeram sucesso. Essa forma de tratamento era, então, naturalizada. Muitas pessoas cantavam essas músicas, às reproduziam e pouco era discutido sobre a papel da mulher em tais músicas.

Em resposta a esses funks que reproduziam um discurso machista, surgiram mulheres MCs, como MC Carol e Tati Quebra Barraco, que criticavam a posição da mulher como objeto sexual no funk. Ambas, mulheres negras e da periferia, rebatiam esse discurso machista ao expressarem sua liberdade sexual.

Ao cantar "não adianta de qualquer forma eu esculacho, fama de putona só porque como seu macho", Tati Quebra Barraco rebate às letras machistas que tratam as mulheres como "putas" por ter relações com homens. Além de fazer uma crítica também à imagem de promiscuidade que é atribuída a mulher negra.

Além disso, MC Carol rebate os funks machistas não somente ao se colocar como "100% feminista" em uma de suas músicas, mas também ao fazer uma dura crítica à história do Brasil ensinada nas escolas em sua música "Não Foi Cabral". Nessa música Carol canta versos como "Treze Caravelas, trouxe muita morte, um milhão de índio" e também "Falando".



de sofrimento dos tupis e guaranis, lembrei do guerreiro, Quilombo Zumbi. Zumbi dos Palmares vítima de uma emboscada. Se não fosse a Dandara, eu levava chicotada".

Com esses versos, Mc Carol faz uma crítica a invizibilização do negro na história do Brasil e destaca a real história do país, na qual houve um genocídio de índios e negros. Ela evidencia a importância dos índios, de Zumbi e Dandara para o povo brasileiro.

As músicas com letras sobre a liberdade sexual e o aumento da participação feminina no funk carioca chamaram atenção da mídia. Porém, logo após ser salientada, foi bastante recriminada. (ALVIM & PAIM, 2010, p. 43). As notícias de violência nos bailes foram substituídas por notícias sobre as músicas que traziam a sensualidade dessas mulheres. As músicas sobre sexo e as coreografias eram consideradas pela mídia como "obscenas" e isso passou a ser o aspecto negativo do funk. Novamente, essas mulheres negras foram retratadas pela mídia machista e racista, como mulheres promíscuas. Seus pensamentos questionadores sobre o "funk do prazer" e também outros questionamentos importantes trazidos em seus funks, foram ignorados pela mídia. Essas MCs foram reduzidas à imagem de um corpo, consideradas como carne. Mesmo com as críticas negativas, essas funkeiras continuam a fazer músicas que criticam o machismo.

Considerando a história de controle dos corpos das mulheres, citado anteriormente neste texto e, a sexualização da mulher negra e a invisibilização da contribuição dos negros na cultura deste país, é possível afirmar que o funk que as mulheres MCs fazem para rebater a cultura machista é uma forma de resistência de gênero de raça e classe.

De acordo com Rosilene Alvim e Eugênia Paim (2010), o comportamento dessas funkeiras "abalou a estrutura da representação política da mulher, na qual as feministas detêm o poder da fala." (ALVIM & PAIM, 2010, p. 59). E as autoras completam:

Falando por si elas dão voz aos seus desejos e revelam o quanto a sociedade ainda está abarcada pela lógica da dominação masculina. Não é à toa que, durante séculos o sexo esteve associado a valores morais e éticos, cercado pelo pudor, pela inibição e pelo confinamento da mulher. Certamente por isso, quando mulheres jovens das classes populares falam de sexo de forma direta, essa postura apareça como transgressão sociocultural. (ALVIM & PAIM, 2010, p.59)

Fazer funks com esses tipos de críticas num país como o Brasil é de extrema importância. O Brasil é um país que enfrenta diversos obstáculos para considerar o funk uma cultura (BESCHIZZA, 2015), que tem uma cultura machista que e mantém o controle dos corpos na dominação de homens e do estado (FEDERICI, 2017) e, ao mesmo tempo, e racista,



que sexualiza os corpos de mulheres negras (PIEDADE, 2017). Considero ser extrema relevância para refletirmos sobre a dominação masculina e, também, sobre o racismo no país.

### Referências:

ALVIM, Rosilene; PAIM, Eugênia. A febre que nunca passa o funk, a sensualidade e o "baile do prazer". *Revista diálogos*, [S.L], v. 1, n. 3, p. 39-62, 2010.

BESCHIZZA, Christhian Barcelos Carvalho Lima. Funk carioca: surgimento e trajetória no século XX. *Horizonte Científico*, [S.L], v. 9, n. 2, p. 1-21, 2015.

CYMROT, Danilo. *A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica*. São Paulo, 2011. 205f. Dissertação (Mestrado em em Medicina Forense e Criminologia). Universidade de São Paulo, 2011.

FREITAS, Hyndara. Funk com apologia ao estupro lidera ranking de músicas virais; spotify promete deletar. O Estado De S.Paulo, 2018. Disponível em: <a href="https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,funk-com-apologia-ao-estupro-lidera-ranking-de-musicas-virais-spotify-promete-deletar,70002154353">https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,funk-com-apologia-ao-estupro-lidera-ranking-de-musicas-virais-spotify-promete-deletar,70002154353</a>. Acesso em: 06 ago. 2018.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-81, 1988.

PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017.

SANTIAGO, Haline. A adoção do Funk como expressão de subversão da sexualidade na cena gay da Zona Sul carioca. In: CONGRESSO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, VI. 2013. *Anais do VI Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação–UERJ/ UFF/ UFRJ/ PUC-RIO/ Fiocruz.* [S. l.: s. n.], 2013. p. 1-9.

UOL. *Criminalização do funk revela preconceito e discriminação contra as periferias*. Portal Aprendiz, UOL: 2017. Disponível em: <a href="https://portal.aprendiz.uol.com.br/2017/08/02/criminalizacao-funk-revela-preconceito-e-discriminacao-contra-periferias/">https://portal.aprendiz.uol.com.br/2017/08/02/criminalizacao-funk-revela-preconceito-e-discriminacao-contra-periferias/</a>. Acesso em: 20 dez. 2018.

UOL. Funk mais viralizado do momento é acusado de fazer apologia ao estupro. UOL, 2018. Disponível em: <a href="https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/17/funk-mais-viralizado-do-momento-e-acusado-de-fazer-apologia-ao-estupro.htm">https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/17/funk-mais-viralizado-do-momento-e-acusado-de-fazer-apologia-ao-estupro.htm</a>. Acesso em: 06 ago. 2018.